

## COVID-19 na América Latina - emergência e oportunidade



América Latina e o Caribe (ALC) foram os mais atingidos pela pandemia COVID-19, com 25% das infecções globais recentes ocorrendo na região. Dos dez principais países com a maior taxa de mortalidade global, oito são da ALC. As mortes por COVID-19 na região chegam a quase 1,3 milhão de pessoas, mas a pandemia

continuará a levar à mortalidade excessiva devido à interrupção dos serviços de saúde, à instabilidade econômica e ao aprofundamento das desigualdades existentes. Além disso, países com altos níveis de infecção podem resultar no surgimento de variantes mais transmissíveis e resistentes a vacinas. A região não atraiu atenção global e agora enfrenta novos desafios que provavelmente agravarão a situação e representarão uma ameaça para o resto do mundo.

A implacabilidade da pandemia está esgotando as intervenções de saúde pública para conter a propagação do vírus nos países da ALC, que são altamente populosos e têm economias informais. Apesar da persistente instabilidade política na região, a pandemia aumentou ainda mais a frustração com as iniquidades e a corrupção arraigadas, e países como o Peru e o Brasil enfrentam atualmente distúrbios civis. Há desconfiança nos governos e, mais alarmante, uma ausência generalizada de coesão social na região, o que dificulta o cumprimento das medidas de saúde pública. Concomitantemente, diversas variantes estão se espalhando na região. A conhecida variante de preocupação, gama (P.1), inicialmente encontrada no Brasil, agora se espalhou para os países vizinhos e se tornou dominante no Uruguai. Lambda (C.37), detectado pela primeira vez no Peru e atualmente considerado uma variante de interesse, agora representa 80% das infecções no Peru. O mais preocupante é que a variante delta altamente transmissível (B.1.617.2) agora se espalhando na Europa também foi detectada em pelo menos 16 países na ALC e já há transmissão na comunidade.

A vacinação em massa é necessária com urgência. No entanto, apenas 11% de toda a população da ALC foi totalmente vacinada e, embora o Chile tenha alcançado uma taxa de vacinação de mais de 65%, em outros países como Honduras e Guatemala é inferior a 1%. A LAC tem um histórico impressionante de programas de vacinação existentes, com baixa hesitação à vacinação. O gargalo com a vacina COVID-19 é um importante fator limitante. Confrontados com a escassez global, os países individuais têm pouca influência ou vontade de garantir vacinas. Países menos ricos, como Colômbia e Paraguai, contam com a COVAX. Mas a entrega da vacina à ALC é muito lenta para controlar as altas taxas de infecção e mortalidade. Apesar disso, a COVAX distribuiu as doses até que todos os países atinjam uma taxa de vacinação de 20%, independentemente da epidemiologia existente. Também há doações bilaterais, mas principalmente impulsionadas por motivações geopolíticas. As vacinas devem ser priorizadas para os países mais afetados com taxas de vacinação mais baixas na ALC.

Atualmente, a ALC precisa urgentemente da comunidade global para ajudar a controlar a pandemia na região, mas isso não deve impedir a região de construir capacidade interna para administrar a pandemia. Expansão da fabricação local de vacinas para outros países além do Brasil e replicação de centros de vacinas COVID-19 como o estabelecido pelo consórcio da África do Sul apoiado pela OMS seria um começo. O sequenciamento do genoma, essencial para monitorar o aumento e a disseminação de diferentes variantes, quase não está disponível na região, mas a OPAS criou a Rede Regional de Vigilância Genômica COVID-19 para fortalecer a capacidade de sequenciamento do genoma. De acordo com pesquisadores da região, a recuperação e a preparação para uma pandemia requerem que os países se tornem mais autossuficientes na produção de vacinas, testes, equipamentos de proteção individual e sequenciamento do genoma. Dada a instabilidade política persistente e a fraca liderança em alguns países da ALC, a região se beneficiaria com a liderança não governamental liderada por organizações da sociedade civil ou grupos profissionais para lutar pelo direito à saúde e responsabilizar os governos.

É necessária uma forte colaboração dos países da região, que falhou catastróficamente até agora. Em outubro de 2020, os Ministros das Relações Exteriores da região assinaram uma declaração pedindo solidariedade,

multilateralismo e cooperação internacional , que ainda não foi acionada. Impelido por falhas na resposta à pandemia, o diálogo interamericano, uma rede de líderes globais lançou uma força-tarefa de saúde, que deve publicar um Livro Branco em julho para melhorar a cooperação em futuras emergências de saúde na ALC. As iniciativas lideradas pela região podem ter o potencial de mudança duradoura,

desenvolvendo programas de saúde e infra-estruturas tecnológicas para aumentar a resiliência e a equidade. A atual terrível situação na ALC deve suscitar sérias reflexões sobre as deficiências de entidades regionais como a OPAS. Uma resposta muito melhor coordenada em toda a região é urgentemente necessária.